

LINGUAGEM EM BENJAMIN: IMPLICAÇÕES NA FORMA DE PENSAR O TEMPO

LANGUAGE IN BENJAMIN: IMPLICATIONS IN THE FORMS OF THINKING TIME

Thiago Martins Prado¹

PRADO, T. M. Linguagem em Benjamin: implicações na forma de pensar o tempo. **Akrópolis**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2014.

RESUMO: Partindo de uma breve explicação sobre suportes temporais por Alfredo Bosi (1992) e Octávio Paz (1984 e 1993), este artigo objetivou explicitar como a concepção de linguagem de Walter Benjamin, ainda que assimile o modo analógico do tempo cíclico da antiguidade e o elogio ao novo do tempo linear da modernidade, apresenta um conceito sobre temporalidade que se opõe radicalmente ao mito e ao progresso. A investigação tornará explícita uma ferramenta teórica benjaminiana chamada correspondência extrassensível, que possibilita o pensamento sobre a linguagem como um arquivo dinâmico de semelhanças, como um composto de correlações obtidas pela memória em estágio contínuo de renovação. Nesse sentido, a conceituação de linguagem por Walter Benjamin fornece bases à sua crítica à historiografia e ao mercado.

PALAVRAS-CHAVE: Walter Benjamin; Concepção de linguagem; Suportes temporais; História e mercado.

ABSTRACT: After a brief explanation on temporary supports by Alfredo Bosi (1992) and Octávio Paz (1984 and 1993), the objective of this article is to explain how a concept of language of Walter Benjamin, although assimilating the analogical mode of cyclical time of the antiquity and the praise to the new of linear time of modernity, presents a concept about temporality that is radically opposite to the myth and progress. The investigation will turn explicit a theoretical benjaminian tool called extra sensible correspondence, which enables the thought about the language, such as a dynamic file of similarities, like a set-up of correlations, obtained by the memory in constant stage of renovation. In this sense, the conceptualization of language by Walter Benjamin provides the basis to its critics to historiography and to the market.

Keywords: Walter Benjamin; Conceptualization of language; Temporary supports history and market.

¹É doutor em Letras pela UFBA (2011), possui mestrado em Letras pela UFBA (2005) e graduou-se em Letras Vernáculas (licenciatura e bacharelado) pela mesma universidade (2002). Tem experiência na área de Letras e atua lecionando Teoria da Literatura, Literatura Dramática, Literatura Brasileira na Uneb e Língua Portuguesa, Gramática Tradicional e Práticas de Escrita para cursos e treinamentos. Como poeta, autor de *A inutilidade das (p)arcas* (FUNCEB, 2002) e de *A reutilização das pedras* (Editora UFS, 2010); como estudioso da Literatura, autor de *Utopia política, vanguarda e ritual* (Editora UFS, 2008) e de *Deus morto, Deus posto* (Editora UFS, no prelo).

Recebido em janeiro de 2014
Aceito em abril de 2014

INTRODUÇÃO

OS CENÁRIOS DO TEMPO

No ensaio de Alfredo Bosi *O tempo e os tempos*, ao comentar as noções privilegiadas de tempo dentro da perspectiva da modernidade, ele afirma que, embora o tempo reversível também apareça como força resistente, oculta e latente, fora a visão temporal através de uma sintaxe, sequencial, uma das articulações mais recorrentes às formas do pensamento moderno. Para o autor, a base temporal moderna, sendo uma estrutura irreversivelmente pensada, dividiu-se em duas possibilidades de interpretação: a) o tempo é uma série construída por meio de interesses, paixões e vontades individuais conservadores, reprodutores e destruidores de quadros sucessivos de poder, que se anulam alternadamente; e b) o tempo é uma condução, uma vetorização, em que fica registrado o acúmulo da produção simbólica da humanidade, para um fim num futuro necessário e melhor (BOSI, 1992). No primeiro entendimento, não se tem uma imagem paradisíaca apontada para a sociedade pela finalização histórica, a consciência sobre os embates humanos de poder reforça que cada época possui mecanismos próprios que se montam pontualmente sem um sentido final; no segundo, tem-se uma visão teleológica, há uma evolução histórica que projeta o homem à imagem de seu inevitável aperfeiçoamento.

As dessemelhanças entre tais tempos na modernidade, muitas vezes, apresentam-se também na forma de como foi interpretada a consolidação dos valores nascidos nos burgos. Dessa maneira, o tempo pontual, contingencial, quando apareceu no período moderno, trouxe consigo um olhar crítico e feroz que desarticulou os interesses egóticos da burguesia, disfarçados em virtudes emblemáticas propagadas por essa classe. Foi uma contraposição ao comportamento burguês, principalmente quando dotada do pessimismo corrosivo de Schopenhauer sob as Luzes ou da sátira amarga de Machado de Assis, no realismo cético, sob a formação das classes no Brasil. Foi um tempo que descaracterizou o otimismo na evolução das atitudes burguesas, e que, portanto, condenou o tempo do progresso. Mais tarde, houve uma inversão no modo como foi relacionado o tempo à visão do capital. Muitos marxistas adotaram a própria perspectiva do tempo vetorial para afirmar a futura superação

do estágio capitalista, ou seja, apropriaram-se do tempo que justificou o capital moderno para tentar corrompê-lo num estágio avançado de redefinição. Outra inversão, mais atual, refere-se ao tempo pontual das vontades, que antes, na modernidade, era um desvelamento das máscaras virtuosas da classe burguesa. Na contemporaneidade, ele, quando citado, estimula uma transparência degradante que autentica o capital internacional e o cinismo que retira a condenação aos jogos de interesses políticos (ao invés de cobrar comportamentos responsáveis dos homens públicos) e à incitação do prazer egoísta na rede do consumismo (ao invés de gerenciar uma conscientização da condição de precariedade e de miséria dos não-consumidores).

Mesmo percebendo tais diferenças nessas formas de se pensar o tempo, é inevitável, no entanto, enxergar o caráter que fundamenta ambas estruturas temporais: a irreversibilidade, isto é, a noção de que o fluxo dos acontecimentos impede a volta desses próprios acontecimentos, ou, ainda melhor, de que não há quaisquer correspondências entre o dados encontrados durante a passagem do tempo. As visões sobre os resultados das mudanças registradas no tempo, portanto, nessas circunstâncias, ilustram duas versões que determinam uma linearidade temporal homogênea e esvaziada de significados interiores, seja ela uma visão do futuro perfeito ou a mútua anulação dos poderes, das vontades, dos interesses, enfim, dos tempos.

Ao se consultar o pensamento de Octávio Paz, nota-se, no escrito *Ruptura e convergência*, que a concepção de tempo afirmada pela modernidade é uma crítica a outra noção temporal impulsionada pela cristandade. O tempo cristão, quando elegeu, paralelamente, um tempo linear e um tempo eterno, já havia abalado a estrutura temporal colocada pela figuração do mito. A temporalidade cristã demonstrou a passagem histórica, mas foi recortada, ao mesmo tempo, como um caso de *exempla* para se conquistar a eternidade – ela sempre estava referenciando um significado interno da moral cristã, orientada pelo valor da eternidade dos seus preceitos e da alma. O tempo da modernidade, que se segue à noção temporal cristã, é o que esvazia o caráter de significado sobrenatural (indicador da eternidade do cristianismo) do tempo histórico-linear.

A Idade Moderna começa com a crítica à Eternidade cristã e com a aparição de outro

tempo. De um lado, o tempo finito do cristianismo, com um começo e um fim, se converte no tempo quase infinito da evolução natural e da história, aberto em direção ao futuro. De outro lado, a modernidade desvaloriza a Eternidade: a perfeição se traslada para o futuro, não no outro mundo, mas neste (PAZ, 1993, p. 36-37).

Paz, nesse texto, trata estritamente do tempo da modernidade dentro da sua impulsão pela ideia de progresso – sua aparição mais estigmatizada. Contudo, quando o autor argumenta que tal temporalidade é sempre entrecortada por uma crítica de ruptura (a sempre negar a si própria) e a adotar uma visão irônica da realidade, pode-se pensar na validade dessa afirmação para ambas possibilidades do tempo da modernidade já comentadas em Alfredo Bosi. É a ironia que sustenta a homogeneidade e o vazio de significados internos no tempo moderno. Ela é o instrumento de crítica às correspondências que os objetos ou os acontecimentos poderiam apontar. Como o próprio Octávio Paz (1993, p.38) coloca, ela é “*a dissonância que rompe o concerto das correspondências e o transforma em galimatias [...] sua essência é o tempo sucessivo que desemboca na morte*”. Quando não há mais o movimento cíclico de renascimento do mito e quando a eternidade cristã é enfraquecida frente às crenças modernas na ciência, o sentido do tempo moderno é a inevitável morte, linearmente enxergada. A ironia conserva a ideia de morte ao desprezar o sistema de assinalações pensado por meio dos ciclos naturais e ao negar os valores e o conceito de revelação da cristandade, que seriam dotados de uma significação para um outro plano de existência.

A analogia é o oposto direto da ironia. É a analogia que declara um sistema de correspondências na realidade e suas extensões por meio da linguagem. Ela compõe uma concepção de memória e de percepção humanas através da figuração cíclica da natureza – a essa forma de se pensar a memória combinou-se uma noção de tempo, chamada de tempo mítico, cíclico ou reversível (o tempo anterior ao cristão). A reversibilidade do tempo mítico é tão somente traduzida pelo potencial que as correspondências têm para a significação dos eventos. Ou seja, a sintonia e a conservação das significações dos acontecimentos são todos previstos dentro do sistema de correspondências do mito, que nasce-morre-nasce, como o ciclo da natureza.

Inevitavelmente, um modo de pensar a linguagem implica uma forma sobre discutir a memória, que, por sua vez, estaciona sob um suporte temporal. Walter Benjamin concebeu uma reflexão sobre a temporalidade que, embora assimile características das formas cíclicas da antiguidade ou dos modos lineares da modernidade, opõe-se radicalmente a esses. É necessário apontar que a concepção de linguagem em Walter Benjamin admite a figuração da analogia sem que se deixe cercar pela imobilidade da autoridade mítica; por outro lado, o conceito benjaminiano de linguagem também permite pensar em mudança e transformação sem que isso seja um elogio ao novo ou à forma do progresso, que esvazia continuamente o passado e a memória.

CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM EM WALTER BENJAMIN

A discussão sobre a perda da expressividade linguística, herança de Rousseau, é retomada por Walter Benjamin em seu texto *A doutrina das semelhanças*. Para ele, o que deve ser investigado contraria a tão aceita ideia do gradativo desaparecimento da expressividade como correspondência mimética da linguagem frente à sua estruturação como convenção social. Para Benjamin, o que deveria ser explicado é como as antigas formas expressivas da linguagem se transformaram para sobreviver em meio às camadas mais atuais da própria linguagem.

À primeira vista, tal direção estaria na crescente fragilidade desse dom [da apreensão mimética]. Pois o universo do homem moderno parece conter aquelas correspondências mágicas em muito menor quantidade que o dos povos antigos ou primitivos. A questão é se se trata de uma extinção da faculdade mimética ou de sua transformação (BENJAMIN, 1985a, p.109).

Para a filosofia benjaminiana, não se pode, simplesmente, imaginar uma contraposição entre a função expressiva e outra comunicativa da linguagem. Se há uma ênfase, no discurso de Benjamin, pela parte expressiva, é para discordar da tendência unilateral do formalismo que estava em voga pela sociologia da linguagem de sua época (CASTRIOTA, 2001). A mimese da linguagem só pode ser entendida a partir do momento em que se compreende que não houve desacordo ou interrupção das cor-

respondências expressivas entre o homem e a natureza, e sim uma mudança em suas formas de contato.

A transformação do fundamento mimético e do poderio analógico da linguagem primitiva para o seu desdobramento na linguagem atual é afirmado por Benjamin (1985a, p.111) por meio do conceito de semelhança extrassensível, isto é, o fator que “*estabelece a ligação não somente entre o falado e o intencionado, mas também entre o escrito e o intencionado, e entre o falado e o escrito*”. Diante de tal elemento, a linguagem escrita, conjuntamente à oralidade, enuncia o pensador, registra as imagens inconscientes do intencionado pelos seus autores como se fosse um arquivo dinâmico de semelhanças geradas pelo valor expressivo de sua capacidade mimética. É nesse ponto em que Walter Benjamin destaca o desenvolvimento da linguagem como a representação mimética de maior larga escala de aplicabilidade.

[...] pode-se supor que o dom mimético, outrora o fundamento da clarividência, migrou gradativamente, no decorrer dos milênios, para a linguagem e para a escrita, nelas produzindo um arquivo completo de semelhanças extrassensíveis. Nessa perspectiva, a linguagem seria a mais alta aplicação da faculdade mimética: um *medium* em que as faculdades primitivas de percepção do semelhante penetraram tão completamente, que ela se converteu no *medium* em que as coisas se encontram e se relacionam, não diretamente, como antes, no espírito vidente ou do sacerdote, mas em suas essências, nas substâncias mais fugazes e delicadas, nos próprios aromas. Em outras palavras: a clarividência confiou à escrita e à linguagem as suas antigas forças, no decorrer da história (BENJAMIN, 1985a, p.112).

Como se observa no fragmento acima, a linguagem, sem perder o seu caráter de apontamento de similitudes, desloca-se de um ambiente mais restrito, mais ritual e mais, primitivamente, vidente para os cenários menos venerados de sua utilidade cotidiana, ampliando e tornando dinâmico o arquivo de suas correspondências extrassensíveis. Aqui se pode fazer uma articulação entre a saída da linguagem (*A doutrina das semelhanças*) e da obra de arte (*A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica*) do seu sentido estrito místico e ritual para a sua maior ampliação expositiva e utilitária.

É importante afirmar que o arquivo dinâmico da linguagem conduz (e é conduzido por) aquele que o utiliza. Através dele, as somas das expressões antepassadas da linguagem são reintroduzidas na enunciação; de mesmo modo, elas são redirecionadas ou ressignificadas no plano da realização linguística. A imbricação entre a manifestação do sujeito por meio da linguagem e a construção desse próprio sujeito pode ser indicada, dentro das análises de Walter Benjamin, como um estudo de como se comporta o caráter de preservação e de perpétua transformação das formas da linguagem no ampliar das correspondências extrassensíveis. A dinâmica e as semelhanças arquivadas da linguagem são inseparáveis das expressões nas quais o sujeito se pensa e se permite pensar.

[...] poderíamos dizer que ele [o sujeito no texto de Walter Benjamin] assumiu o movimento somático do pensamento, movimento da linguagem pela qual o sujeito se diz a si mesmo, mas que também fala outra(s) coisa(s) que ele mesmo. Se ele toma a palavra, se ele enuncia a linguagem, também é transformado, carregado por ela longe da clausura da individualidade (GAGNEBIN, 2001, p.361).

Embora derivada do debate linguístico gerado por Rousseau ainda no século XVIII, a noção de linguagem defendida por Walter Benjamin² distancia-se do pensamento rousseauriano. O pensamento benjaminiano ataca o eixo que monta o discurso filosófico de Jean-Jacques Rousseau: a interpretação do que ocorreu com a competência expressiva da linguagem quando transitou de seu estágio figurativo e apaixonado para um mais sociável entre os homens. Para o filósofo Benjamin, houve uma conservação do valor expressivo da linguagem pelas correspondências extrassensíveis em formas mais aplicáveis e mais sociáveis

O conceito de correspondências extrassensíveis que apoia a crítica benjaminiana da linguagem contra a discussão de Rousseau é a mesma que contraria as ideias defendidas pelo formalismo linguístico, tão em voga na época em que Benjamin escreveu *A doutrina das semelhanças*. Nessa ferramenta filosófica, encontra-se concentrada toda a sua contra-afirmação ao exposto rousseauriano. O fato de Walter Benja-

²Tal herança benjaminiana é reafirmada em ROCHLITZ, 2003. p. 49.

min considerar a esfera extrassensível para a montagem da linguagem como correspondência mimética anula já a base do *Ensaio sobre a origem das línguas* do outro filósofo que vê o surgimento do funcionalismo da linguagem através de, somente, uma dimensão sensível; e, por outro lado, essas correspondências, igualmente, permitem que imagens inconscientes sejam arquivadas ao domínio linguístico, não o tornando menos expressivo, mas o ampliando – o que contraria a afirmativa central de Rousseau.

A partir de outro texto de Walter Benjamin (1980, p.157-195), *O problema da sociologia da linguagem*, observa-se de onde o filósofo estabeleceu os fundamentos para a sua concepção de linguagem. Nesse ensaio, Benjamin, sempre emitindo uma crítica negativa quanto ao formalismo da linguagem e enfocando a questão da expressividade linguística sob diversas perspectivas, história uma sociologia da linguagem desde as teorias místicas e onomatopaicas de Lévy Bruhl, passando pelo materialismo e pelo psicologismo linguísticos, até chegar ao que mais se aproxima da versão eleita no seu ensaio *A doutrina das semelhanças*: a teoria mimética da linguagem por Richard Paget. Segundo Benjamin, a teoria de Paget, que afirma que sem o fundamento mímico-gestual não há o desenvolvimento do elemento fonético da linguagem, supera a antiga teoria expressiva da língua por meio da onomatopeia, saindo de uma teoria mimética de sentido estrito para uma teoria mimética de sentido muito mais amplo. A ação da fala não se origina dos sons, mas dos componentes gestuais que sobreviverão, posteriormente, como seus correspondentes mais profundos.

As concepções perante a linguagem por Rousseau e por Walter Benjamin aproximam-se quando eles escolhem o campo da expressividade como importante. Mas, por outro lado, as atitudes tornam-se diametralmente opostas quando respondem ao que aconteceu com o poder expressivo dela. Rousseau afirma que esse poder apaixonado da expressividade linguística perdeu-se na ancestralidade e que, por conseguinte, surge no lugar o modo funcional comunicativo (mais frio e seco) da linguagem. Por outro lado, Benjamin argumenta que a capacidade expressiva dissolveu-se nas camadas mais diversas da linguagem, fazendo com que seu poder não fosse enfraquecido, mas sim mais dinamizado por meio de correspondências extrassensíveis.

CONCEPÇÕES DE TEMPO EM WALTER BENJAMIN

Se se tomar a função do progresso como orientadora da noção de tempo, vê-se a total incompatibilidade com o conceito de correspondência extrassensível da linguagem do pensamento benjaminiano. Segundo o filósofo, como força expressiva, a linguagem depende da memória de seus conteúdos semânticos para se dinamizar, ou melhor, corresponder na atualidade. O uso linguístico aqui é o manipular a construção simbólica armazenada na palavra a favor de reinstaurá-la no presente. É assim, como um arquivo de semelhanças extrassensíveis, que a língua fornece sua potencialidade expressiva e mimética pelos tempos. A ideia de progresso esvazia ou ignora os sentidos internos dessas correspondências – o passado, para o tempo da modernidade, é um dado acumulado, e o presente é o alimento do futuro, linearmente e sem qualquer sistema de equivalência. Constrói-se não só apenas, em Walter Benjamin, um pensar sobre a dinâmica da linguagem, mas, paralelamente, estrutura-se uma noção também sobre a história como produção simbólica. Assim afirma Jeanne-Marie Gagnebin (2001, p.355) sobre as implicações do pensamento linguístico na obra do filósofo: “[...] para Benjamin, a historicidade do pensar provém muito mais da historicidade da linguagem – historicidade dos conceitos, dos usos linguísticos, das metáforas em vigor – do que um índice temporal específico das questões tratadas”. Essa mesma conclusão ainda é verificada em Rainer Rochlitz, ao se referir à importância do privilégio dado à função expressiva que Benjamin constituía para o seu pensamento linguístico:

Benjamin talhou uma teoria da linguagem na medida da tarefa de crítica consignada para si. Mas suspendendo as funções “instrumentais” da linguagem, ele não visa a uma imãncia pura e simples da forma linguística ou artística. Ele vincula essa forma a uma história simbólica na qual se joga o destino da humanidade (ROCHLITZ, 2003, p.67).

No ensaio *O tempo e os tempos*, é evidente a influência da filosofia benjaminiana sobre o escrito de Bosi. Voltando a comentar esse texto, observa-se que a sua feitura, ao enunciar, dialeticamente, duas concepções centrais sobre o tempo (irreversível, linear, moderno *versus* re-

versível, cíclico, pré-moderno), resolve-se, num terceiro momento, como um suporte temporal que supõe um religamento com o passado de forma a reatualizá-lo no deciframento presente. Para o crítico Bosi, o decifrar do tempo está irremediavelmente ligado à interpretação da memória como uma manipulação do inconsciente linguístico. Além disso, a investigação da linguagem é cobrada pelo estudioso para entender, de modo espontâneo, a simultaneidade dos tempos que coabitam as imagens que são conservadas e evocadas pelos simbolismos culturais. Nesse ponto, nota-se que Alfredo Bosi, quando elege a análise benjaminiana para se compreender a memória, reafirma o tempo (inclusive o da modernidade) como uma consciência preenchida por simultaneidades simbólicas.

TEMPO E MERCADO

O olhar sobre os entrelaçares dos tempos no cenário cultural, que será caro à percepção da contemporaneidade, já fora indicado por Benjamin em seus textos sobre os processos de modernização. Em *Paris, capital do século XIX*, o filósofo afirma essa interpenetração do novo no antigo de forma exemplar (BENJAMIN, 1985b, p.30-43). No texto, a aplicação do ferro como material de construção habitacional é uma manifestação de uma imagem coletiva e desiderativa que procura modificar as carências da ordem social de produção, ilustrada pela superação do antigo modo em que o material ferro estava sendo empregado, isto é, como elemento das arquiteturas de trânsito, como galerias, salas de exposições e estações de trem. O novo, nesse caso, é um impulso fomentado pelas imagens de desejo depositadas no inconsciente da coletividade, que, estando armazenadas, retrocedem ao antigo para galgá-lo. Quanto aos panoramas, compreende-se a novidade da técnica e da relação da arte pictórica com o público diante de um comportamento social preenchido de passagens na cidade. Ao mesmo tempo em que um sentimento do novo é impresso por essa arte, a necessidade de buscar a antiga temporalidade da natureza, através da pintura de suas paisagens, torna-se indicadora de uma transposição do campo para a cidade. Nos panoramas, a reprodução da alternância das horas do dia na paisagem, como um recorte, alimenta e colore a andança frenética dos passantes. O antigo ganha aspecto de novo quando, por exemplo, o

tempo é entorpecido nas especulações da bolsa de valores, que se fundamentam na experiência dos jogos de azar herdados da sociedade feudal.

Noutro texto, *A modernidade*, Benjamin (1989, p. 67-101), ao analisar a poética de Baudelaire, comenta que o signo da decadência persegue a modernidade. Entretanto, quando ela, em forma de alguma de suas expressões, conquista o seu espaço como valor cultural, ela morre, deixa de ser empreendimento moderno e espera o julgamento como antigo. A pretensão de ser referenciada como antiga, como dentro de uma tradição, depende da potencialidade que a obra moderna imprimiu para sua própria época e que a submete como antiguidade³.

A modernidade vista por Walter Benjamin vem entrecortada e tensionada por traços do novo e do antigo. Para uma avaliação mais precisa sobre as posturas e as noções temporais de Benjamin a respeito da modernidade, que, por diversas vezes, parecem contraditórias, Rouanet propõe uma divisão quanto às formas como a modernidade é percebida pelo filósofo. De um lado, há uma modernidade capitalista, que se reproduz por meio dos signos do novo e do antigo. A novidade, que é citada mediante seu distanciamento com o passado, é o chamariz para o consumo; a produção contínua do novo alimenta o mercado e, ao mesmo tempo, gera incessantemente o antigo e o obsoleto. Os vestígios do antigo deixam rastros para o novo e traços que podem ser recuperáveis. Embora o novo seja a estratégia de mercado do capitalismo na modernidade, o tempo que afirma o novo nunca é modificado. Nesse sentido, o antigo estabelece a proposta do novo. Assim, a modernidade capitalista, ao sempre empreender o envelhecimento precoce do novo, renova os seus mecanismos de produção, mas mantém as antigas relações produtivas. Por outro lado, tem-se uma modernidade dialética, que é vista como um indício de redenção do tempo da modernidade capitalista (ROUANET, 1993, p.72-73). Com uma tendência extremamente diferenciada⁴ do marxismo tradi-

³Antoine Compagnon afirma que a modernidade de Baudelaire, “uma sucessão de presentes disjuntos”, é um contraponto ao que vulgarmente se foi referido como modernidade, vanguardista e obsessiva quanto ao futuro. Cf. COMPAGNON, 1999. p. 15 e 48. O mesmo Compagnon considera primordial diferenciar a questão do tempo entre o primeiro estágio da modernidade e a sua postura mais radical, ou seja, enquanto projeto de vanguarda. Cf. *Ibidem*, p. 38 e 60.

⁴Ainda para justificar o adjetivo diferenciada, o filósofo, nas teses um e quatro de *Sobre o conceito de história*, propõe uma articu-

cional, Walter Benjamin acredita que se deve acelerar o envelhecimento da primeira modernidade, desgastando-a, para que possa surgir um estágio dialético. Para o filósofo, as próprias estratégias do capitalismo deixam pistas para formas autocríticas que tendem a uma alteração nas relações de produção.

Em tempos hodiernos, sabe-se que a passagem do capital de um estágio moderno para um pós-industrial aconteceu por meio da diversificação das estratégias de mercado e pela complexificação das relações e da ordem produtivas da economia capitalista. Surgiram fortes agrupamentos comerciais que, ao perceberem a especialização dos cenários de consumo, somaram experiências localistas de mercado e desenvolveram planos e pesquisas que privilegiaram a diversidade ou a diferenciação do público-alvo. Dessa forma, o desgaste do capitalismo industrial não instaurou a modernidade dialética que Sergio Paulo Rouanet atribui ao pensamento de Walter Benjamin; ao inverso disso, ele promoveu uma renovação nas relações produtivas sem que, com isso, o sentido de exploração do capital se perdesse. Pode-se pensar que a percepção sobre a simultaneidade dos tempos na cultura não mais é uma crítica que se dirige ao capital e ao tempo do mercado; em verdade, ela é incitada pelas novas estratégias da publicidade contemporânea e confirma as intenções comerciais que revestem os produtos.

Tal argumentação frente ao pensamento benjaminiano, embora coerente, não está totalmente certa, escapa a ela uma concepção sobre a simultaneidade do tempo cultural que não esteja, necessariamente, manipulada pelo mercado. Acontece que o tempo da cultura, para Benjamin, ou seja, da evocação dos simbolismos do inconsciente linguístico, normalmente é um tempo de simultaneidades. A apropriação da simultaneidade temporal ou de estilos ocorre pelo mercado atual como uma montagem a objetivar um discurso que identifique valores culturais do público-alvo com a mercadoria propagandeada. Para Benjamin, perceber a simultaneidade do tempo cultural desmontava a estratégia do novo-antigo no capital moderno. Para Alfredo Bosi, depois que a lógica do mercado assimilou a simultaneidade do tempo da cultura, a continuidade para o projeto benjaminiano desdobrou-se como um reconhecimento da artificialidade

desse tempo.

O reencontro do tempo antigo pelo moderno faz pensar em um fenômeno que tende a aprofundar-se e a estender-se em nossos dias: o do convívio dos tempos. Muitos consideram peculiar à pós-modernidade a coabitação de estilos de vida e de pensamentos distintos. Essa convivência pode ser forçada, artificial, promovida pelo mercado cultural, moda parente da morte. Mas pode acontecer espontaneamente, sinal de que o tempo que se vive não é homogêneo. Senha de riqueza e contradição que instiga a nossa mente e exige deciframento (BOSI, 1992, p. 30).

O TEMPO DO MERCADO E OS HERÓIS DA MODERNIDADE

O conceito de herói moderno constrói-se para Walter Benjamin dentro de um tempo em que o “impulso produtivo natural” do homem é bloqueado pela modernidade capitalista. Essa concepção de herói origina-se da observação que Benjamin faz da *flânerie* da poética de Baudelaire. Para ele, a consciência sobre a fraqueza da existência social no *flâneur* transforma suas necessidades em virtudes. A partir daí, várias caracterizações sociais que são exploradas pela modernidade capitalista ganham o *status* de herói. Os trabalhadores assalariados, que vivem as dificuldades do capital industrial, por exemplo, devem ser louvados tal qual os gladiadores da antiguidade. Nesse tempo, Benjamin (1989, p.70-76) assinala o suicídio como o “selo de uma vontade heroica”; o herói moderno, ao não mais descobrir uma forma de resistência frente ao tempo do capital, deve marcar o seu suicídio como uma conquista heroica da modernidade através do *pathos*. O suicídio, nesse caso, não é renúncia, mas uma transfiguração da paixão e do poder decisório; ele combate o tempo da modernidade capitalista no campo das paixões.

A modernidade capitalista, ao privilegiar o aspecto da novidade para o mercado, contribui com o enfraquecimento da memória. O precoce envelhecimento do novo faz com que a noção do passado perca-se frente à manipulação do desejado futuro, ao disfarce de que o novo do mercado é um rompimento com o passado recente e com o da tradição. Através da percepção sobre a simultaneidade dos tempos na modernidade, Benjamin enxerga o ciclo do “*sempre-igual no novo*”, uma mitologia que não se baseia na memória, mas no desejo da novidade.

lação entre o materialismo histórico e a teologia. Cf. BENJAMIN, 1985a. p.222-224.

As passagens pela cidade são preenchidas pela estratégia do choque da circulação da novidade, o chamariz para o público passante. Em Benjamin (1985a, p.40), o novo, que “*independe do valor de uso da mercadoria*”, enraíza-se no desejo inconsciente da coletividade e manipula tais figurações do desejo como uma ilusão de consciência. No tempo do capital industrial, a sobrevivência do herói da modernidade depende de sua capacidade de compreensão dos choques promovidos por esse mundo moderno. Como coloca Rouanet (1993, p.64), em meio às aventuras da necessidade em sua vivência, o herói da modernidade aparece penalizado pela amnésia, e a sua percepção sobrepõe-se sobre a sua capacidade de memorizar e de prolongar a experiência.

TEMPO, LINGUAGEM E HISTÓRIA

Dentro da filosofia benjaminiana, apesar de o tempo do mercado conviver com o tempo da linguagem, interpenetrando-se um no outro, eles rivalizam como a memória deve ser compreendida no mundo moderno. Ao tempo do capital, a memória deve ser reduzida. A estratégia do novo deve prevalecer para que o ciclo mítico do desejo e da mercadoria, o “*sempre igual no novo*”, permaneça ativo e seduzindo os passantes; o armazenamento do passado e a sua possível utilização como fim pedagógico da experiência devem cair frente à sedução do mercado. A incitação do desejo pelo novo, que permite fazer com que o homem, ilusoriamente, afirme a sua melhoria em relação ao passado, deve pulsar em ciclos contínuos. Isso significa que não há tempo para o passado, e sim para a eternidade da mesma afirmação do presente como maravilha do futuro. Perceber que o maravilhamento pela novidade contém traços do passado dá pistas de que, como o próprio Sergio Paulo Rouanet (1993, p.65) comenta, “*nada muda nesse mundo em que tudo muda*”.

Quanto ao tempo da linguagem, o papel da memória tem uma importância fundamental. Contudo, quando se cita a memória dentro das análises de Walter Benjamin, ela não pode ser entendida apenas como um acúmulo de formas simbólicas que sobrevivem durante a passagem dos tempos. A memória benjaminiana, que é reativada pelo poder de mimese da linguagem, dinamiza-se como uma reatualização do passado. Assim também se estabelece o con-

ceito de história em Benjamin, como uma força da linguagem reinvestida de sentido atual que surge para interpretar uma tensão nos tempos. Por meio da natureza figurativa dos eventos da história, o passado, como manancial de simbolismos cultiváveis, e o presente, como potencial de transformação desses próprios simbolismos, encontram-se e procuram significações em busca de um diálogo que permita a presentificação dos dados interpretados.

A história, como concepção benjaminiana, não se justifica nos estudos das sintaxes causais dos fatos, mas no captar da configuração em que a época presente entrou com a anterior. Também cabe a ela, como está na tese dois de *Sobre o conceito da história*, presentificar as frustrações sofridas pela história que não foi escrita. Sob essa perspectiva de registro do que não foi frutificado pela história tradicional, Antoine Compagnon (1999, p.47-48) afirma que a história benjaminiana é uma escrita da ironia. Considerando que a ironia, segundo Octávio Paz (1984, p.100-101), é consequência do tempo linear, sucessível e irrepitível da história (tradicional), entende-se que a outra noção da história de Walter Benjamin, que descreve as sombras abaixo das representações irônicas, é um contraponto a toda base historiográfica ocidental do *Geist*. O *continuum* da história, para o filósofo, deve ser abandonado frente à análise sincrônica das tensões dos tempos. em que a história tradicional vê limite e morte (ironia), Benjamin propõe reescrita e suposição:

Contra o Historicismo – que para Benjamin apenas reproduzia a alienação entre a experiência e o indivíduo moderno – Benjamin reafirmou a força do trabalho da memória: que a um só tempo, destrói os nexos (na medida em que trabalha a partir de um conceito forte de presente) e (re)inscreve o passado no presente. Essa nova “historiografia baseada na memória” *testemunha* tanto os sonhos não realizados e as promessas não cumpridas, como também as insatisfações do *presente*. Essa reescritura se dá em camadas: ao invés da linearidade limpa do percurso ascendente da história (do “Ocidente”, do “Geist”) tal como era descrita na historiografia tradicional, encontramos um palimpsesto aberto a infinitas re-leituras e re-escrituras (SELIGMAN-SILVA, 2001, p.365-366).

Ao se deparar com a memória que passou a ser combatida pela modernidade capitalis-

ta, Benjamin transforma a função do historiador numa observação capaz de articular uma consciência não com o que aconteceu, mas com o preenchimento atual do passado que importa ao tempo do agora. Com isso, o filósofo enuncia uma solução para o espaço da memória dentro do mundo moderno. Semelhantemente à sua teoria da linguagem, a história não é um arquivo propriamente dito, mas um arquivo dinâmico de correspondências revestidas por naturezas figurativas, expressivas. Sob influência benjaminiana, Alfredo Bosi (1992, p.29), ao discutir a última concepção de tempo em seu ensaio supracitado, resume a orientação que o historiador deve se basear para interpretar o tempo e a história: “O diálogo com o passado torna-o presente. O pretérito passa a existir, de novo”.

O tempo da linguagem é o tempo da história para o filósofo; eles estão presentes na mimese expressiva do arquivo dinâmico dos simbolismos culturais. O tempo da história-linguagem, portanto, não condiz com a construção homogênea e esvaziada de significações internas do progresso como fator de consciência da história nem com as concepções formalistas da linguagem. São reconhecíveis vários trechos que, durante o percurso da obra de Walter Benjamin, criticam severamente a ideia de progresso para fundamentar o tempo vetorial da modernidade. A seguir, citar-se-ão fragmentos de textos bastante distantes entre si para demonstrar como a negação do progresso constitui-se em uma das preocupações constantes para a obra de tal filósofo. Um, *A vida dos estudantes*, está datado em 1915, e outro, *Sobre o conceito da história*, em 1940.

Há uma concepção da história que, confiando na eternidade do tempo, só distingue o ritmo dos homens e das épocas que correm rápida ou lentamente na esteira do progresso. A isso corresponde a ausência de nexos, a falta de precisão e de rigor que ela coloca em relação ao presente [...] Os elementos do estado final não estão presentes como tendência amorfa do progresso, mas encontram-se profundamente engastados em todo presente, como as criações e os pensamentos mais ameaçados, difamados e desprezados. Transformar o estado imanente de plenitude de forma pura em estado absoluto, torná-lo visível e soberano no presente – eis a tarefa histórica (BENJAMIN, 1986, p.151).

A ideia de um progresso da humanidade na

história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia de progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha [...] A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras” (BENJAMIN, 1985a, p. 229).

Perceptivelmente, o pensamento a respeito do tempo da história e da linguagem em Walter Benjamin, que se orienta por meio da memória linguística do imaginário simbólico sempre em estado de dinamismo para o ajustamento expressivo das semelhanças, é contrário ao tempo da modernidade tal como foi concebido através da noção de progresso ou como embate de poderes que se anulam.

Outra incompatibilidade quanto ao suporte temporal de Benjamin também é observada se for colocado o seu pensamento a respeito do tempo e da linguagem ao lado do tempo do mito. Quando Benjamin equipara o momento da ascensão dos contos de fada ao “*despertar das religiões positivas*” (1985a, p.53)⁵ ou quando se refere ao mito como dentro de uma “*pré-história*” (1986, p.251), fica evidente que o mito do qual o filósofo fala é aquele que se define através de sua forma mais primitiva. Segundo Pierre Brunel (1997, p.733), os mitos primitivos possuíam, preferencialmente, uma lição estática evocada pelos seus relatos que, além de contribuir para a manutenção de alguma ordem, assegurava uma tranquilidade ao homem perante a natureza em que estava mergulhado. Brunel afirma que o fatalismo na interpretação dos mitos primitivo é abalado depois da forte influência das tragédias gregas e, principalmente, depois da Bíblia – a escolha humana é tratada como um espaço de superação da ordem mítica.

Apesar do sistema de correspondências, da analogia mítica, manter o campo de expressividade linguística, esta expressividade incorpora, por demais, uma lição fatalista da história para se encaixar à noção do dinamismo simbólico-linguístico de Benjamin. Por isso mesmo é que, em textos como *Robert Walser* ou a seção 16 do texto *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, o filósofo privilegia a consciência moral dos contos de fada, que se

⁵Compreende-se a caracterização *positivas* de Walter Benjamin não propriamente dentro de uma referência à doutrina do positivismo, mas dentro de uma base religiosa que se aproximou do tempo da vida humana, do tempo histórico, como o cristianismo. Cf. BENJAMIN, 1985a. p. 53.

sobrepuseram, por meio da astúcia (*Untermut*) e da arrogância (*Übermut*), à fixidez do destino humano enunciado pelas correspondências do tempo mítico. O homem, com a sua produção simbólica, depois que se liberta da fatal previsibilidade mítica, aparece com maior potencial de representar o seu espaço de ação (BENJAMIN, 1985a, p.50-53 e p.197-221).

O conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para libertar-se do pesadelo mítico [...] o personagem do irmão caçula mostra-nos como aumentam as possibilidades do homem quando ele se afasta da pré-história mítica [...] O feitiço libertador do conto de fadas não põe em cena a natureza como uma entidade mítica, mas indica a sua cumplicidade com o homem liberado (BENJAMIN, 1985a, p.215).

Embora os textos citados sobre a concepção da linguagem benjaminiana, *A doutrina das semelhanças* e *O problema da sociologia da linguagem*, já apontem qual é o suporte temporal utilizado pelo filósofo, são os textos sobre literatura e historiografia que vão responder, com mais clareza, a essa questão. Neles, a apropriação e a manipulação da reminiscência sustentam um tempo entrecruzado, que capta um estado de semelhança, ao mesmo tempo, configurando-a sob o prisma do tempo presente. Para a linguagem, isso é o dinamismo de sua expressividade, que se funde, paralelamente, à reatualização do evento histórico sob um signo do momento presente. A temporalidade de Benjamin, portanto, é dinâmica, entrecruzada, rica em possibilidades de correspondências aliadas à vivacidade da linguagem e das experiências do homem (não se restringindo à matéria do mito). Abaixo, *A imagem de Proust* ilustra como a sua teoria linguística é transposta aos seus ensaios críticos e, por eles, enriquecida.

A eternidade que Proust nos faz vislumbrar não é a do tempo infinito, e sim a do tempo entrecruzado. Seu verdadeiro interesse é consagrado ao fluxo do tempo sob sua forma mais real, e por isso mesmo mais entrecruzada, que se manifesta com clareza na reminiscência (internamente) e no envelhecimento (externamente) [...] É o mundo em estado de semelhança, e nela reinam “as correspondências”, captadas pelos românticos [...] mas que Proust foi o único a incorporar em sua existência vivida (BENJAMIN, 1985a, p.45).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

INVERSÕES NO TEMPO E CONTRIBUIÇÕES BENJAMINIANAS

Ao se destacar a tese quatorze do texto *Sobre o conceito de história*, vê-se como o filósofo Benjamin, ao expressar a sua noção de história, faz uma inversão nas estratégias do capital moderno. Argumentou-se que, no tempo do mercado, há uma apropriação de símbolos culturais para povoar de desejos o consumidor e que se faz isso por meio de uma reconstrução da estrutura cíclica do mito em torno da ideia de novidade; o desejo pelo novo substitui o que antes era primordial para os mitos primitivos: a memória.

Benjamin propõe a mesma estratégia de apropriação para o seu conceito de história, só que, dessa vez, invertendo a estrutura temporal do mercado a favor da Revolução. Para isso, afirma que o potencial da moda que o mercado sombreia em torno da ideia do novo na modernidade, do “faro para o atual”, “é um salto de tigre em direção ao passado”. Walter Benjamin nota que a interpenetração do tempo da linguagem e da história com o tempo do mercado não apenas contribui para a manipulação de símbolos culturais de desejo para a eficácia do capital moderno, mas também cria a possibilidade da desmontagem dessa própria estratégia do mercado, abrindo o espaço para a Revolução. A simultaneidade dos tempos em Benjamin realimenta uma consciência expressiva a respeito da história, reafirma a importância do passado no presente e enxerga o passado como uma forma (de influência no e que pode ser modificada pelo) presente. Assim se aponta o caminho que abre as possibilidades para a Revolução pelo filósofo: as próprias forças produtivas do capital moderno fornecem instrumentos de crítica de suas relações econômicas e de desmontagem de suas estratégias.

[...] a Roma antiga era para Robespierre um passado carregado de “agoras”, que ele fez explodir o *continuum* da história. A Revolução Francesa se via como uma Roma ressurreta. Ela citava a Roma antiga como a moda cita um vestuário antigo. A moda tem um faro para o atual, onde quer que ele esteja na folhagem do antigamente. Ela é um salto de tigre em direção ao passado. Somente, ele se dá numa arena comandada pela classe dominante. O mesmo salto, sob o livre céu

da história, é o salto dialético da Revolução, como o concebeu Marx (BENJAMIN, 1985a, p.229-230).

A contribuição de Walter Benjamin dada ao conceito de história pode ser articulada às discussões contemporâneas de críticos da historiografia que contrariam o pensamento linear-causal da tradição e que veem o discurso da história montado através da heterogeneidade de diversas áreas do conhecimento, como uma crítica da cultura. Além disso, a partir da simultaneidade temporal e da proximidade com o campo mais prático da vivência social das análises de Walter Benjamin, desdobram-se aspectos que, atualmente, servem de fundamentos para um estudo da cultura. Acontece que antes, com o enfoque da versão causal na modernidade, o tempo, considerado uno e seriado, era entendido como uma medida dos deslocamentos, um fator que marca a causalidade e que, tendo partes sintaticamente ligadas, nunca se repete; como o espaço era compreendido como uma unidade dividida entre movimentos, conseqüentemente, o tempo também seria uno. Só que os deslocamentos da cultura, as trocas na sociedade, as estratégias e a velocidade em que eles ocorrem são diferenciados, imprimindo uma temporalidade igualmente diversa para cada cenário em que eles se manifestam; como o espaço, assim, é entendido como local de trocas sociais, e não mais como uma homogeneidade repartida pelo movimento da matéria e vazia de significação contextual, o tempo cultural é diverso e interpenetrado por outros tempos.

É evidente que o filósofo não marca uma postura claramente definida para a crítica contemporânea de representações da cultura, entretanto ele deixa rastros, indícios, que apontam para as formulações de tais estudos. Duas principais contribuições de seu conceito de história podem ser consideradas para as análises hodiernas de representações culturais: a) a compreensão de que a reflexão linear-causal da historiografia é insuficiente para ilustrar as esferas simultâneas das vivências socioculturais; e b) a incitação por uma escrita que historicize o “estado de exceção”, ou seja, o comportamento e os sentimentos dos vencidos pelo progresso e daquilo que não teve posteridade para a história tradicional.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **Documentos de cultura, documentos da barbárie**. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1986.
- _____. **Illuminaciones I: imaginacion y sociedade**. Madrid: Taurus Ediciones, 1980.
- _____. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985a. v. 1.
- _____. **Obras escolhidas: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989. v. 3.
- _____. **Walter Benjamin: sociologia**. São Paulo: Ática, 1985b.
- BOSI, A. O tempo e os tempos. In: NOVAES, A. (Org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 19-32.
- BRUNEL, P. (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.
- CASTRIOTA, L. B. Analogia e semelhança: a mimesis do outro. In: DUARTE, R.; FIGUEIREDO, V. (Org.). **Mimesis e expressão**. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 389-401.
- COMPAGNON, A. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- GAGNEBIN, J. M. Mimesis e crítica da representação em Walter Benjamin. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, V. (Org.). **Mimesis e expressão**. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 353-363.
- PAZ, O. **A outra voz**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- _____. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ROCHLITZ, R. **O desencantamento da arte: a filosofia de Walter Benjamin**. Bauru: Edusc, 2003.
- ROUANET, S. P. **A razão nômade: Walter Benjamin e outros viajantes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

PRADO, T. M.

ROUSSEAU, J.-J. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Campinas: Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, M. A catástrofe do cotidiano, a apocalíptica e a redentora: sobre Walter Benjamin e a escritura da memória. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia (Org.). **Mimesis e expressão**. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 364-380.

LENGUAJE EN BENJAMIN: IMPLICACIONES EN LA FORMA DE PENSAR EL TIEMPO

RESUMEN: Partiendo de una breve explicación sobre soportes temporales por Alfredo Bosi (1992) y Octavio Paz (1984 y 1993), este artículo objetivó explicitar como la concepción de lenguaje de Walter Benjamín, aunque asimile el modo analógico del tiempo cíclico de la antigüedad y el elogio al nuevo del tiempo lineal de la modernidad, presenta un concepto sobre temporalidad que se opone radicalmente al mito y al progreso. La investigación volverá explícita una herramienta teórica de Benjamín, llamada correspondencia extra sensible, que posibilita el pensamiento sobre el lenguaje como un archivo dinámico de semejanzas, como un compuesto de correlaciones obtenidas por la memoria en etapa continua de renovación. En ese sentido, la conceptualización de lenguaje por Walter Benjamín ofrece bases a su crítica, a la historiografía y al mercado.

PALABRAS CLAVE: Walter Benjamín; Concepción de Lenguaje; Soportes temporales; Historia; Mercado.